

ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO
REDE DIAGONAL BRASIL

Rede Diagonal EPFCL

IX 2025 Colóquio
EPFCL-RDB

Natal . RN
02 a 04
outubro

O ato e a (po)ética em psicanálise

Mais informações
www.epfclrdb.com.br

Modalidades
Presencial ou Online

@epfclredediagonalbrasil

Local
Auditório da UNI-RN

Tela "Sponhe", de Zaira Caldas

Prelúdio V

Ética do desejo: uma ética convertida ao silêncio

Silvia Amoedo¹

“Ouve-me, ouve o meu silêncio.

O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa”.

Clarice Lispector

Se sempre voltamos a Freud, diz Lacan, “é porque ele partiu de uma intuição inicial, central, que é de ordem ética” (Lacan, 1991, p. 51). Lacan enfatiza que, para Freud, os conflitos psíquicos têm, desde o princípio, uma natureza ética e moral, indo além de uma mera perspectiva psicológica.

No nível do princípio do prazer, segundo Freud, não há Bem Supremo – *das Ding* –, “que é a mãe, o objeto do incesto; é um bem proibido e não há outro bem. Tal é o fundamento, derrubado, invertido, em Freud, da lei moral” (Lacan, 1991, p. 90). Em sua representação topológica, *das Ding* é situada no interior do

¹ Psicanalista, Membro de Escola da EPFCL-RDB.

sujeito, mas como excluída, ao mesmo tempo: como uma exterioridade íntima – designada como *extimidade*. Ou seja, “alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível do inconsciente, só uma representação representa” (Lacan, 1991, p. 92). É por intermédio da relação que proporciona a primeira satisfação que a Coisa analítica começa a existir e a orientar todo o encaminhamento do sujeito em direção ao objeto do desejo.

Sobre a distinção entre ética e bem, Lacan argumenta que a ética “começa no momento em que o sujeito coloca a questão desse bem que buscara inconscientemente nas estruturas sociais – e onde, da mesma feita, foi levado a descobrir a ligação profunda pela qual o que se apresenta para ele como lei está estreitamente ligado à própria estrutura do desejo” (Lacan, 1991, p. 97). Trata-se de uma crítica à moral universal por se impor como um princípio válido para todos, sem levar em conta o desejo singular e irreduzível, que escapa à universalização.

Em “Observação sobre o Relatório de Daniel Lagache”, Lacan ressalta: “Uma ética se anuncia convertida ao silêncio, não pelo caminho do pavor, mas do desejo; e a questão é saber como a via da conversa da experiência analítica conduz a ela” (Lacan, 1998, p. 691). É preciso “tomar o desejo ao pé da letra” (Lacan, 1958, p. 626). Trata-se de interrogar o próprio desejo e o que se faz com ele na experiência subjetiva. Em vez de perguntar “O que é o bem?”, Lacan propõe a questão: “Agiste conforme o desejo que te habita?” (Lacan, 1991, p. 376). Ainda acrescenta, “a única coisa da qual se pode ser culpado é de ter cedido a seu desejo” (Lacan, 1991, p. 385).

Responder à questão lacaniana é bem-dizer o desejo. No entanto, como bem-dizer o desejo se há uma incompatibilidade estrutural entre desejo e fala? O desejo somente pode ser dito a partir da relação do sujeito com o campo do Outro, pois “o desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1988, p. 223). Como bem-dizer se o desejo é metonímia de nosso ser que se produz no para-além da demanda, “na medida em que, ao articular a vida do sujeito com suas condições,

ela devasta ali a necessidade, mas também ele se cava em seu para-aquém [...] ela evoca a falta-a-ser”? (Lacan, 1998, p. 635). Ou seja, o desejo se apresenta como condição absoluta, na falha de toda tentativa de satisfação, no descompasso intransponível entre o que se diz e o que se quer dizer, o que mostra a impossibilidade de nomeá-lo completamente.

O desejo somente pode ser entrevisto a partir da linguagem, mas sempre lhe escapa por definição, desenhando o contorno de uma ausência irreduzível que demanda, incessantemente, um ato para tentar se inscrever. Conforme Lacan, “não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte. E é esse o cerne de sua função na análise” (Lacan, 1998, p. 249). A posição do analista consiste em sustentar o desejo, sem ceder ao imperativo do bem comum ou às normas estabelecidas e, dessa forma, conduzir o sujeito a reconhecer e nomear seu desejo. “Mas não se trata de reconhecer algo que já está aí, pronto para ser cooptado. Ao nomeá-lo, o sujeito cria, faz surgir uma nova presença no mundo. Ele introduz a presença como tal e, da mesma forma, cava a ausência como tal” (Lacan, 1985, p. 287).

A ética não é submeter-se a um ideal de bem, mas assumir a responsabilidade pelo desejo, reconhecendo a impossibilidade de qualquer realização plena, totalizante ou universal. Isso marca um deslocamento fundamental em relação à tradição filosófica da ética, recolocando o desejo no centro da experiência ética.

Para Lacan, o sujeito “é um fato de linguagem”, ou seja, constitui-se a partir de sua entrada no campo do significante. “[...] é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação” (Lacan, 1998, p. 519). O sujeito “se distingue por introduzir um modo de ser que é sua energia própria [...]. Esse é o ato que se cala” (Lacan, 2024, p. 216).

Lacan aprofunda a distinção entre *tacere* (calar) e *silere* (silenciar), ou seja, calar não é silenciar. Calar pode ser um ato – uma escolha –, não apenas uma

ausência de fala. O calar (*tacere*) não se dá por falta do que dizer, mas porque esse silêncio, diferente de *silere* – um silêncio passivo, sem sujeito –, é um ato e “[...] um verdadeiro ato tem sempre uma parte de estrutura, por dizer respeito a um real que não é evidente” (Lacan, 1988, p. 52). O real que volta sempre ao mesmo lugar. O ato de calar do analista convoca um saber insabido do analisante.

“Sinto que sei de algumas verdades. Que já pressinto. Mas verdades não têm palavras [...] É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. É tão silencioso. Como traduzir o silêncio do encontro real? [...]” (Lispector, 1998, p. 49).

Referências bibliográficas

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950-1895). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 1, p. 302-304.

LACAN, J. *O seminário – livro 2: o eu na teoria de Freud na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário – livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Versão brasileira de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. *O Seminário – livro 8: a transferência (1960-1961)*. Versão brasileira de Duque-Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. *O Seminário – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Tradução de R. D. B. M. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O Seminário – livro 14: a lógica do fantasma (1966-1967)*. Tradução de Teresinha N. Meirelles; texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2024.

_____. Observação sobre a exposição de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade” (1960). In: _____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In*:
_____. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). *In*: _____.
Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.